

UMA INTELIGÊNCIA COLETIVA NO REGIME DE INFORMAÇÃO DO LABORATÓRIO DE TECNOLOGIAS INTELECTUAIS – Lt*i*

A COLLECTIVE INTELLIGENCE IN THE INFORMATION REGIME OF INTELLECTUAL TECHNOLOGIES LABORATORY – LT*i*

Isa Maria Freire

Resumo: Apresenta exercício de reflexão sobre as ações de informação em curso no regime de informação do Projeto Laboratório de Tecnologias Intelectuais - LT*i*, considerando a possibilidade da emergência de um projeto de inteligência coletiva. O padrão que une a trama do texto é a possibilidade de inclusão na sociedade em rede mediante ações de informação para apropriação, produção e compartilhamento cooperativo de tecnologias intelectuais de informação e comunicação. Discorre sobre os domínios, estratos e modalidades das ações de informação no regime de informação, analisando suas características e cotejando com as ações de pesquisa em desenvolvimento no Projeto LT*i*. Finaliza identificando indícios de que os fios conceituais construtos responsabilidade social e inteligência coletiva se entrelaçam no campo da Ciência da Informação e no regime de informação do Projeto LT*i*.

Palavras-chave: Regime de informação. Inteligência coletiva. Tecnologias intelectuais. Competências em informação. Ciência da Informação.

ABSTRACT

It presents result of reflection exercise on the domain, strata and form of ongoing information actions in the information system of Intellectual Technologies Laboratory Project – LT*i*, considering the possibility of the emergence of a collective intelligence project. The pattern that unites the text frame is the possibility of inclusion in the network society through information provision for ownership, production and cooperative sharing of intellectual information and communication technologies. Discusses areas, strata and form of information provision in the information system, analyzing their characteristics and comparing with developing research activities in the Project LT*i*. Ends identifying evidence

that the conceptual constructs wires social responsibility and collective intelligence are intertwined in the field of information science and information system of *LTi* Project.

Keywords: Information regime. Collective intelligence. Intellectual technologies. Information literacy. Information Science.

1 INTRODUÇÃO

Compartilhamos, no presente relato, o resultado de exercício de reflexão sobre o domínio, estratos e modalidades das ações de informação em curso no regime de informação do Laboratório de Tecnologias Intelectuais - *LTi*, considerando a possibilidade da emergência de um projeto de inteligência coletiva.

Nosso propósito é seguir o fio de reflexões já realizadas em exercícios anteriores¹, a partir da premissa de uma responsabilidade social da Ciência da Informação na sociedade em rede, de modo a tecer uma rede conceitual onde se entrelacem as ideias de *regime de informação, inteligência coletiva e tecnologias intelectuais*, no contexto da rede de projetos² em desenvolvimento no Projeto *LTi*. O padrão que une a trama do texto é a possibilidade de inclusão social mediante ações de informação para apropriação, produção e compartilhamento cooperativo de tecnologias intelectuais de informação e comunicação.

No presente exercício, buscamos relacionar um projeto de inteligência coletiva ao desenvolvimento de ações de informação no regime de informação do Projeto *LTi*. Na rede conceitual, abordamos as ações de informação no regime de informação, aplicando suas características de domínios, estratos e modalidades às ações de pesquisa em curso, com ênfase nas ações formativas, características de uma forma de vida, aqui definida como a forma de vida da comunidade acadêmica.

Ao compartilhar este relato, esperamos contribuir para a discussão e experimentação do modelo de rede conceitual de Wersig (1993) como abordagem própria e apropriada aos problemas de informação, na sociedade contemporânea.

¹ Freire, 2012; 2013; 2014.

² Metodologia operacional proposta por Freire (2004) e aplicada no Projeto *LTi*.

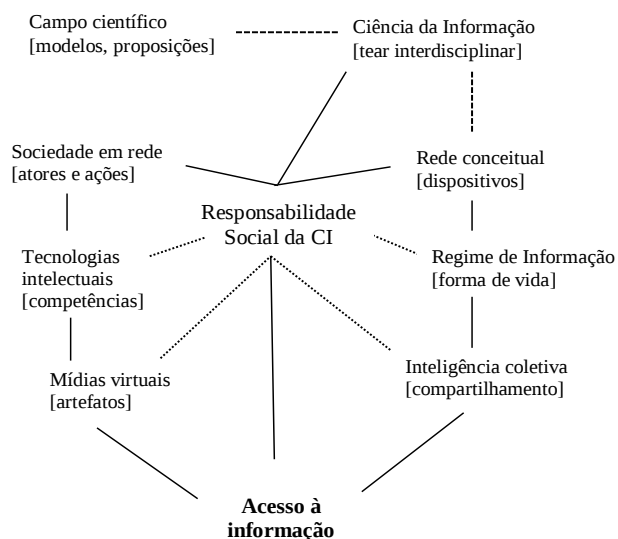
2 A REDE CONCEITUAL

Nossa abordagem se fundamenta na proposta de Wersig (1993) para a Ciência da Informação, sugerindo uma estrutura teórica que considere menos a formulação de leis gerais e mais a de estratégias de ação, mediante uma abordagem de entrelaçamento de conceitos científicos. O autor apresenta três modelos de abordagem dos problemas de informação para a Ciência da Informação: no primeiro, propõe uma estrutura teórica orientada para a redefinição de conceitos científicos amplos “redesenhados para os propósitos do campo da ciência da informação”; o segundo modelo propõe uma estrutura modelada pela reformulação de conceitos específicos de outras áreas científicas, também “redesenhados para os propósitos do campo da ciência da informação” (WERSIG, 1993, p.237). O terceiro dos modelos propostos sugere a construção de uma “rede conceitual”, mediante o entrelaçamento de conceitos científicos da Ciência da Informação e com os de outras ciências. Neste modelo, os conceitos fundamentais “se constituem semelhantemente a ímãs, ou ‘atratores’, atraindo os materiais [teóricos ou empíricos] para fora [dos seus respectivos campos científicos] e reestruturando-os dentro da estrutura científica da informação” (WERSIG, 1993, p.238).

Esta abordagem foi aplicada por Freire (2001) para demonstrar a responsabilidade social da Ciência da Informação na sociedade contemporânea, construto que constitui o “atrator conceitual” do Projeto LTí. Assim, a partir da premissa da responsabilidade de facilitar a comunicação da informação para aqueles que dela necessitem na sociedade³, será urdido um contexto em cuja trama se entrelaçam os fios conceituais *regime de informação*, *inteligência coletiva* e *tecnologias intelectuais*, com a finalidade de facilitar o acesso à informação na Internet. Na figura 1, a seguir, representamos essa rede conceitual, cuja urdidura, no tear interdisciplinar da Ciência da Informação, reúne a premissa e a finalidade da pesquisa.

³ Conforme Wersig e Neveling (1975), corroborados por Freire (2001).

Figura 1 – Rede conceitual: abordagem no Projeto LT*i*



Fonte: FREIRE, 2015. Notas de trabalho.

Nessa rede, temos a ciência como espaço de criação e compartilhamento de conhecimentos e a Informação como campo científico ou, na nossa metáfora, como tear interdisciplinar que reúne fios da trama no contexto de um problema⁴. Esse contexto tem como atrator conceitual a proposição de uma responsabilidade social para a Ciência da Informação (WERSIG; NEVELING, 1975. FREIRE, 2001). Como não poderia deixar de ser, a trama da nossa rede conceitual é tecida no espaço social da contemporaneidade, que se realiza no mundo da vida das sociedades humanas e no mundo virtual das comunidades constituídas no ciberespaço⁵ mediante a Internet. É nesse contexto que se desenvolvem as ações de informação no regime de informação do Projeto LT*i*.

⁴ Pois, como aponta Saracevic (1996), no campo da Ciência da Informação a abordagem de problemas tem sido uma característica metodológica

⁵ Para Lévy (1999, p.36. Grifo do autor), “o ciberespaço [também chamado de **rede**] é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”.

2.1 O Contexto do Regime de Informação

Certamente podemos dizer que a principal característica da sociedade em que vivemos é a abundância da informação disponível na Internet. Trata-se de uma sociedade que resulta de inovações nas tecnologias de informação e comunicação, embora sua importância e influência seja desigualmente distribuída nos diferentes estratos sociais e regiões geográficas.

Nessa nova ordem econômica mundial, que se anuncia nas explanações científicas e na economia das tecnologias digitais, é que ocorre a “nova relevância de um fenômeno antigo” [6] e o *regime de informação*, com seus sistemas de informação e linguagens documentárias, inicia sua hegemonia sobre o regime industrial, na sociedade contemporânea. (UNGER; FREIRE, 2008, p.85. *Itálico nosso*).

Desse modo, como interpreta González de Gómez (2002, p.35), a sociedade contemporânea pode ser entendida como aquela em que “o regime de informação caracteriza e condiciona todos os outros regimes sociais, econômicos, culturais, das comunidades e do Estado”. Nesta perspectiva, a Ciência da Informação

[é] aquela que estuda fenômenos, processos, construções, sistemas, redes e artefatos de informação, enquanto ‘informação’ for definida por *ações de informação*, as quais remetem aos atores que as agenciam aos contextos e situações em que acontecem e aos regimes de informação em que se inscrevem. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003b, p. 61. *Itálico nosso*).

Nesse campo científico, a autora trabalha o conceito de regime de informação na concepção de dispositivo⁷, definindo-o como

Um modo de produção informacional dominante numa formação social, conforme o qual serão definidos sujeitos, instituições, regras e autoridades informacionais, os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os arranjos organizacionais de seu processamento seletivo, seus dispositivos de preservação e distribuição”. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p.34).

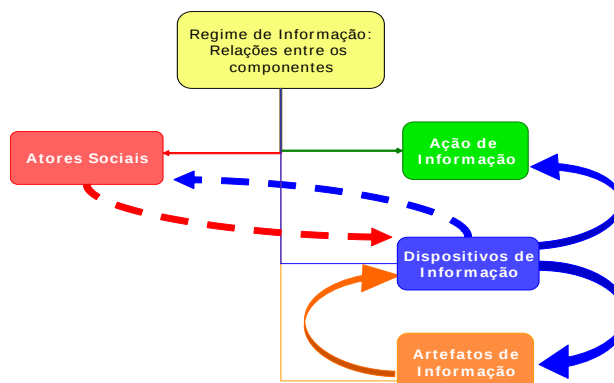
A definição de González de Gómez destaca dois elementos intrinsecamente ligados no contexto de um regime de informação: as ações de informação (*informação em si*) e os atores que as agenciam. Utilizando um recurso gráfico, Delaia (2008) descreveu estes e os

⁶ Wersig e Neveling, 1975, p.135.

⁷ Etimologicamente, o termo latino *dispositio* seria a tradução do termo grego *diathesis*, que é definido na filosofia moderna como aquilo que facilita, faz algo possível ou limita as possibilidades de algo.

demaís componentes de um regime de informação, destacando suas relações nos contextos e situações onde ocorrem, como segue:

Figura 2 – Componentes do regime de informação



Fonte: Delaia e Freire, 2010.

Freire e Delaia (2010) resumem esses componentes a partir de suas respectivas definições por González de Gómez, a saber:

- a) **Dispositivos de informação**, que podem ser considerados como um mecanismo operacional, ou como um conjunto de meios composto de regras de formação e de transformação, ou como “um conjunto de produtos e serviços de informação e das ações de transferência de informação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999, p. 63);
- b) **Atores sociais**, que “podem ser reconhecidos por suas formas de vidas e constroem suas identidades através de ações formativas, existindo algum grau de institucionalização e estruturação das ações de informação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003a, p.35);
- c) **Artefatos de informação**, que constituem os modos tecnológicos e materiais de armazenagem, processamento e de transmissão de dados, mensagem, informação, em plataformas tecno-econômicas (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, 2003).

No presente exercício, corroborando González de Gómez, abordamos as ações de informação no Projeto LT*i* na perspectiva de que estas constituem um conjunto de estratos heterogêneos e articulados, a saber:

- a) de **informação** (semântico-pragmática ou *informação em si*), estrato polimórfico que se define nos inúmeros setores da produção social sob a forma de ações narrativas.
- b) de **meta-informação**, estrato regulatório definido nos espaços institucionais do Estado, do campo científico, da educação formal, da legislação e dos contratos.
- c) de **infraestruturas de informação**, estrato mimeomórfico dos objetos de informação, “definido na indústria e nos mercados das tecnologias, das máquinas e dos produtos” mediante “ações tecno-econômicas, normas técnicas modelos” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003a, p.34).

A partir da abordagem de Collins (1998), González de Gómez (2003a) reconhece três modalidades de manifestação de uma ação de informação, conforme o contexto de sua constituição no regime de informação, como observado no Projeto LT*i*:

- a) de **mediação**, quando a ação de informação fica atrelada aos fins e orientação de uma outra ação.
 - Representada pelas ações cooperativas para compartilhamento de artefatos de informação na interface virtual do Projeto na Internet, as quais estão atreladas a ações mimeomórficas e meta-informacionais em curso no regime de informação do LT*i*.
- b) **formativa**, quando a ação é orientada à informação não como meio, mas como sua finalização.
 - Representada pelas ações de formação científica e treinamento profissional na forma de vida acadêmica, através das quais são criados, cooperativamente, os artefatos de informação disponibilizados no Portal LT*i*.⁸

⁸ Disponível em <www.lti.pro.br>.

d) **relacional**, quando uma ação de informação tem como finalidade intervir numa outra ação de informação, de modo que – mesmo com autonomia relativa – dela obtém a direção e fins.

- Representada pelas ações de reflexão e experimentação próprias do Projeto *LTi*, as quais buscam intervir em outras ações de informação no campo da Ciência da informação, mediante de proposições e modelos compartilhados com a comunidade acadêmica através do processo de comunicação científica.

No contexto do entrelaçamento dos domínios, estratos e modalidades das ações de informação no regime de informação, González de Gómez (2003a, p.36) relaciona ‘ação social’ e ‘forma de vida’, esclarecendo que uma ‘forma de vida’ pode estar “constituída pelas interações duradouras de um grupo que partilha de atividades, situações e experiências comuns”. Nesse sentido, a autora entende as ações formativas como “aquelas constitutivas de uma ‘forma de vida’, [que] singularizam e diferenciam em relação a outros modos de ação e formas de vida” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003a, p.36).

Uma ação formativa, por exemplo, na academia, é apresentar uma comunicação num congresso. O que ‘fixa’ um significado, um discurso, ou pode pré-configurar um ‘artefato de informação’ em alguma de suas dimensões, não seria logo e em primeiro lugar a base material da inscrição, e sim as *condições institucionais e as relações socioculturais entre os sujeitos* – incluídas as relações de poder que articulam os artefatos e as infraestruturas de informação em regimes de informação. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003a, p.36. *Itálico nosso*)

É nesse espaço de atuação, os atores que compartilham uma forma de vida – no caso do *LTi*, a forma de vida acadêmica – onde se entrelaçam domínios, estratos e modalidades das ações de informação, desde seus aspectos relacional e formativo – de coordenação, criação e aplicação de modelos – à sua característica de mediação, pela disponibilização de artefatos e serviços de informação virtuais. E, em especial, pela possibilidade de transformar a informação e comunicação que orientam o agir coletivo.

Observamos, assim, que as atividades acadêmicas desenvolvidas no Projeto *LTi* – que também se podem descrever como de pesquisa, ensino e extensão – podem ser vistas como “ações de informação, as quais remetem aos atores que as agenciam, aos contextos e situações em que acontecem e aos regimes de informação em que se inscrevem”, como

define González de Gómez (2003b, p.61). A autora ressalta que, nesse processo, a heterogeneidade e articulação das ações de informação ocorrem “de modo paralelo e simultâneo ao longo de todo o desenvolvimento de uma atividade ou processo”. Nesse contexto, as ações de informação em desenvolvimento no regime de informação do Projeto LT*i* podem ser reunidas e interpretadas em nível da interação dos seus domínios, estratos e finalidades, como segue:

- a) no domínio da *legein*⁹, no extrato regulatório das ações inter-meta-pós-midiáticas realizadas por sujeitos articuladores ou relacionantes, em nível das ações de pesquisa, para criação de modelos, formulação de análise e avaliação dos resultados da rede de projetos em desenvolvimento no regime de informação do LT*i*;
- b) no domínio da *poiesis*¹⁰, das ações formativas ou finalistas realizadas por sujeitos heurísticos ou experimentadores, em nível das atividades de ensino, para desenvolvimento de competências em informação em alunos universitários e do ensino médio¹¹;
- c) no domínio da *práxis*¹², das ações de mediação ou informativas realizadas por sujeitos sociais funcionais, em nível das atividades de extensão, na forma de disponibilização de artefatos e serviços de informação mediados pela interface virtual do Portal LT*i*.

No quadro a seguir, resumimos os domínios e aplicações das ações de informação em curso no LT*i*:

⁹ *Legein* – Relacional, em nível de dispositivos operados por atores – análise, avaliação, políticas e modelos científicos. No sentido grego: “[...] dizer, falar, declarar, anunciar, significar, nomear, designar, ordenar e exortar”. Cf. Rocha, 2004, p.12.

¹⁰ *Poiesis* – Formativo, em nível de aplicação de modelos e proposições – análise e inovação de abordagens e procedimentos. Definida como “ação ou a capacidade de produzir ou fazer alguma coisa, especialmente de forma criativa”. <http://www.dicionarioinformal.com.br/poiesis/>.

¹¹ CNPq - Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica – Ensino Médio (PIBIC - EM).

¹² *Práxis* – Utilizamos a palavra no mesmo sentido do grego antigo, onde “designava a ação que se realizava no âmbito das relações entre as pessoas, a ação intersubjetiva, a ação moral, a ação dos cidadãos. [No pensamento marxista] É a ação que [...] precisa da reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática” (KONDER, 1992, p.97-115 *passim*).

Quadro 1 – Domínios e aplicações das ações de informação no LT*i*

Domínios e finalidades das ações de informação		Ações de informação no LT <i>i</i>	
<i>LEGEIN</i>	Ações relacionais Inter-Meta-Pós-mediáticas. Atividades sócio-culturais.	Transformar a informação e a comunicação que orientam o agir coletivo. Extrato regulatório.	Ações regulatórias PESQUISA/Projeto LT <i>i</i> - Rede de projetos
<i>POIESIS</i>	Ações formativas ou finalistas. Atividades heurísticas e de inovação.	Transformar o conhecimento para transformar o mundo. Extrato mimeográfico.	Ações formativas ENSINO/Disciplinas UFPB - Tutoriais e outros
<i>PRÁXIS</i>	Ações de mediação. Atividades sociais de Controle, Monitoramento e Coordenação.	Transformar o mundo social ou natural. Extrato polimórfico	Ações mediadoras PESQUISA/Modelos ENSINO/Conteúdos EXTENSÃO/Resultados

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim posto, entendemos que a análise do contexto teórico nos oferece indícios de que o Projeto LT*i* se caracteriza como uma informação de interesse para o campo científico da informação, compreendendo uma intervenção direcionada para uma forma de vida definida como de uma comunidade acadêmica. Nesse sentido, trata-se de uma ‘ação formativa’ (conforme Collins e Kush, 1999), descrita por González de Gómez (2003a) como aquela que é constitutiva da forma de vida de um grupo, o qual singulariza e diferencia em relação a outros modos de ação e formas de vida. Nesse contexto, a autora corrobora que “os atores sociais [sujeitos] estão de acordo em seus conceitos porque [...] *partilham uma realidade de ações possíveis* e estão de acordo em suas ações porque [...] *partilham uma rede comum de conceitos*” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003a, p.36. *Itálico nosso*).

Uma rede comum de conceitos propicia, efetivamente, uma ‘cultura informacional’ compartilhada pelos atores sociais envolvidos em ações de informação em um dado regime de informação – como observamos em todos os níveis de atividades do Projeto LT*i* –, as quais constituem a forma de vida dessa comunidade de docentes-pesquisadores, discentes e profissionais da informação vinculados à rede de projetos em desenvolvimento. E aqui formulamos uma questão de análise para nossa pesquisa: é possível considerar essa característica de pertencimento dos atores a uma mesma forma de vida como indício de uma inteligência coletiva, no regime de informação do Projeto LT*i* ?

Para começar a respondê-la, entretanto, será necessário discorrer sobre o fio conceitual da inteligência coletiva, exercício cujos resultados relatamos a seguir.

2.2 A Inteligência Coletiva na Sociedade em Rede

A teia mundial da informação é o objeto das reflexões do sociólogo Manuel Castells (2003, p.8), que refraseia MacLuhan para expressar as possibilidades de comunicação na Galáxia da Internet: “a rede é a mensagem”. A relevância da Internet para a sociedade contemporânea seria tal que ele a define como “o tecido de nossas vidas”, especialmente por constituir a urdidura tecnológica para “a forma organizacional da Era da Informação: a rede”.

Na medida em que permitem que se estabeleçam relações descentralizadas e verticalizadas entre produtores e consumidores de informação e conhecimento, as mídias digitais possibilitam que ambos possam permutar suas funções e papéis sociais, ora como produtores, ora como consumidores dos processos e conteúdos que circulam na mídia digital. É nesse sentido que Assmann (2000, p.15) destaca que

[As] tecnologias da informação e da comunicação já não são meros instrumentos no sentido técnico tradicional, mas feixes de propriedades ativas. São algo tecnologicamente novo e diferente. As tecnologias tradicionais serviam como instrumentos para aumentar o alcance dos sentidos (braço, visão, movimento etc.). [Essas] tecnologias ampliam o potencial cognitivo do ser humano (seu cérebro/mente) e possibilitam mixagens cognitivas complexas e cooperativas. (ASSMANN, 2000, p.15)

Para Wertheim (2001, p.32), “o ciberespaço está vindo à luz numa explosão ante nossos próprios olhos [...] Esse espaço formou-se, a partir do nada, em pouco mais de um quarto de século, o que faz dele o ‘território’ de mais rápido crescimento da história. Nesse processo, “escolhas políticas e culturais fundamentais abrem-se diante dos governos, dos grandes atores econômicos, dos cidadãos. Não se trata apenas de raciocinar em termos de *impacto* [...] mas também em termos de *projeto*” (LÉVY, 2000, p.13. Em itálico, no original). Esse projeto seria coletivo, representando a oportunidade para o exercício de um novo humanismo e corroborando a hipótese dos “espaços antropológicos”.

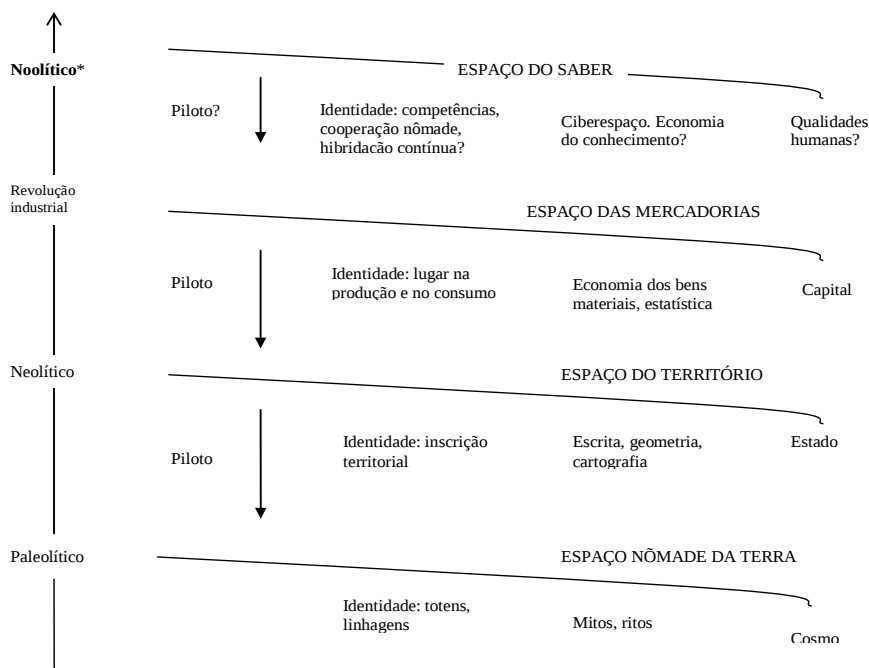
Lévy (2000, p.22) ressalta que ao longo do tempo histórico as sociedades humanas desenvolveram “espaços” a partir da possibilidade do primeiro grande espaço (a Terra) aberto à nossa espécie; os modos de conhecimento específicos desse primeiro espaço são os

mitos e os ritos. O segundo espaço, o Território, teria emergido com o neolítico e suas inovações sócio-culturais: a agricultura, a cidade, o estado e a escrita. Aqui, os modos de conhecimento dominantes já se baseiam na escrita: “começa a história e o desenvolvimento dos saberes de tipo sistemático, teórico ou hermenêutico” e surgem as instituições orientadas por lógicas de pertencimento ou de exclusão (LÉVY, 2000, p.24). O terceiro espaço, das Mercadorias, tem o fluxo como princípio organizador: fluxo de energias, de matérias-primas, mercadorias, capitais, mão-de-obra, informações. Este espaço não elimina os anteriores, contudo,

[...] supera-os em velocidade. É o novo motor da evolução. A riqueza não provém do domínio das fronteiras, mas do controle dos fluxos. Daí por diante reina a indústria, no sentido amplo de tratamento da matéria e da informação. A ciência experimental moderna é um modo de conhecimento típico do novo espaço [...] Desde o fim da Segunda Guerra Mundial ela passa a dar lugar a uma ‘tecnociência’, movida por uma dinâmica permanente da pesquisa e da inovação econômica. (LÉVY, 2000, p.24).

É a partir desse contexto que emerge, na sociedade contemporânea, o espaço caracterizado pela inteligência e pelo saber coletivos, “cujo advento definitivo não está em absoluto garantido por certas ‘leis da história’ e que teria a vocação de comandar os demais espaços antropológicos” (LÉVY, 2000, p.24).

Figura 3 – Os espaços antropológicos.



* **Noolítico**: idade da pedra do espírito. A pedra não é mais aqui o sílex, mas o silício dos microprocessadores e da fibra ótica.

Fonte: Lévy, 2000.

No espaço do saber, as tecnologias digitais de informação e comunicação devem nos permitir “compartilhar nossos conhecimentos e apontá-los uns para os outros, o que é a condição elementar da inteligência coletiva” (LÉVY, 2000, p.18). Neste espaço, torna-se necessário “engajar a singularidade, a própria identidade *peçoal* na vida profissional”, numa dupla mobilização subjetiva, “bastante individual, de um lado, mas ética e cooperativa, de outro” (LÉVY, 2000, p.23. Em itálico no original). É assim que a inteligência coletiva representaria a possibilidade de uma sociedade humana mundialmente conectada em rede e fundada no “reconhecimento e enriquecimento mútuo das pessoas” (LÉVY, 2000, p.27). Nesse sentido, o autor esclarece que

[...] a inteligência coletiva não é um conceito exclusivamente cognitivo. Inteligência deve ser compreendida aqui como na expressão ‘trabalhar em comum acordo’ [...] Trata-se de uma abordagem de caráter bem geral da vida em sociedade e de seu possível futuro. [...] Essa visão de futuro organiza-se em torno de dois eixos complementares: o da *renovação do laço social* por intermédio do conhecimento e o da *inteligência coletiva* propriamente dita. (LÉVY, 2000, p.26. Em itálico no original)

Uma inteligência distribuída por toda parte: eis o axioma proposto por Lévy. Desse modo, o projeto da inteligência coletiva coloca-se como um “processo de crescimento, de diferenciação e de retomada recíproca das singularidades”, e nele uma “engenharia do laço social” torna-se extremamente relevante podendo ser vista como “a arte de suscitar coletivos inteligentes e valorizar ao máximo a diversidade das qualidades humanas” (LÉVY, 2000, p.32. Em itálico no original). O núcleo da engenharia do *laço social* é a *economia das qualidades humanas* e sua ação implica uma *ética da inteligência coletiva*, encarnada num grupo da humanidade que Lévy (2000, p.33. Em itálico no original) chama de *justos*. Na economia do futuro, “o capital será o homem total” (LÉVY, 2000, p.42). Nesse sentido, “a transmissão, a educação, a integração, a reorganização do laço social devem deixar de ser atividades separadas e se realizarem potencialmente de qualquer ponto que seja de um social móvel a qualquer outro” (LÉVY, 2000, p.45).

Lévy apresentou seu conceito de inteligência coletiva em 1994, como resultado de um processo de reflexão sobre um sistema que poderia ser usado tanto como modelo geral da inteligência humana e quanto como língua computável a serviço dessa inteligência. Mas foi em *Filosofia world*, publicado alguns anos depois, que desenvolveu os argumentos onde

encontramos indícios de como se entrelaçam os fios conceituais da responsabilidade social da Ciência da Informação e da inteligência coletiva, nas ações de informação do regime de informação do Projeto LTI. Nesse ensaio, Lévy (2001) aborda a comunidade científica e o mercado capitalista na perspectiva da construção histórica da inteligência coletiva de que somos atores, na contemporaneidade. O autor argumenta que a comunidade científica foi a primeira comunidade que se organizou como inteligência coletiva, independentemente das barreiras nacionais e religiosas:

No espaço intelectual aberto pela comunidade científica, todas as ideias estão em competição cooperativa para atrair o máximo de atenção. A capacidade de interessar sem recorrer a argumentos de autoridade, à força ou a meios desleais são essenciais ao funcionamento do meio científico *porque a finalidade própria deste meio é funcionar como inteligência colectiva*. (LÉVY, 2001, p.85. Em itálico, no original).

Nesse processo, especialmente desde o advento da economia da informação, o mercado apoderou-se das infraestruturas de comunicação e do modo de funcionamento da comunidade científica, pois também tem como objetivo a inteligência coletiva:

O *Homo academicus* e o *Homo economicus* fundem-se no momento em que o mercado se torna um lugar sem fronteiras de circulação das notícias, de intercâmbio de informações e de competição de ideias. [...] O principal motor desta transformação é a *entrada em concorrência planetária das universidades* provocada pela facilidade dos transportes e, sobretudo, pelo desenvolvimento do ciberespaço [...]

[...] *Tanto a iniciativa científica como a empresa capitalista estão envolvidos numa espécie de corrida à melhor cooperação*, e é precisamente isto que constitui o seu extraordinário sucesso histórico. [...] (LÉVY, 2001, p.88-114 *passim*. Em itálico, no original).

É evidente que o mercado e a comunidade científica não são as únicas formas de inteligência coletiva, e Lévy (2001, p.115-116) enumera outras que também se conectam no ciberespaço, em um vasto processo de cooperação competitiva: as culturas, as correntes espirituais, tradições artísticas, cidades, empresas, disciplinas científicas:

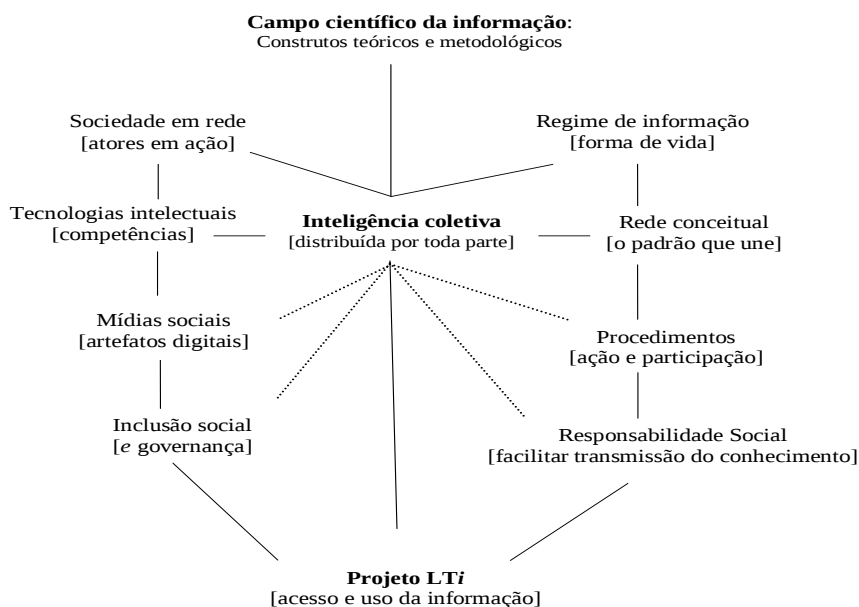
Pois o ciberespaço não é apenas um *instrumento* ao serviço do mercado, da comunidade científica ou da liberdade de expressão democrática, é também um dos principais *produtos* da sua cooperação. [...] o ciberespaço é, provavelmente, a instituição humana, o meio de comunicação em formação, o espaço de comunicação mais transversal e mais aberto criado até hoje. Aquele que maximiza todas as possibilidades de cooperação competitivas. (Em itálico, no original).

Essa visão pode significar um novo olhar sobre a reflexão e a prática, os conceitos e tecnologias disponíveis no campo da Ciência da Informação e disponibilizados na Internet, que contemple a possibilidade de emergência de um *projeto* de inteligência coletiva nessa comunidade científica. Como no caso do Projeto LT*i*. Pois atualmente estamos presenciando a ‘nova relevância de um fenômeno antigo’, a informação, cuja área de ação e atuação, ao longo do século XX, cresceu de tal modo a identificar-se com a sociedade contemporânea, também qualificada como sociedade da informação.

3 PESQUISA QUE SEGUE

O presente relato se encerra com a constatação de que os construtos responsabilidade social e inteligência coletiva representam fios conceituais que entrelaçam os campos da Ciência da Informação e da Filosofia, no regime de informação do Projeto LT*i*. Como representação da nossa reflexão, nesse processo de pesquisa, desenhamos o diagrama de uma rede conceitual tendo como atrator o conceito de inteligência coletiva de Lévy.

Figura 3 – Inteligência coletiva na rede conceitual do Projeto LT*i*



Fonte: FREIRE, 2015. Notas de trabalho

Nessa rede, tomamos o fio conceitual da inteligência coletiva, da área de Filosofia, como atrator conceitual, ou padrão que une os fios na trama do contexto. Trabalhamos esse

conceito no campo da Ciência da Informação, espaço de criação e compartilhamento de conhecimentos científicos – tear interdisciplinar – onde se entretecem fios conceituais na urdidura do contexto de abordagem de um problema de informação. Neste modelo, reunimos os conceitos de regime de informação, espaço de ação de atores sociais, os quais compartilham respectivas formas de vida, mediadas por tecnologias intelectuais e mídias digitais, de modo a facilitar a transmissão do conhecimento para aqueles que dele necessitem, promovendo a inclusão social.

Enfim, encerrando essas breves reflexões, podemos considerar que no caso de uma inteligência coletiva na sociedade em rede o regime de informação do LT*i* oferece um espaço onde dispositivos e artefatos, atores e ações de informação concorrem para o desenvolvimento de um projeto orientado pela economia das qualidades humanas e fundado na engenharia do laço social. O que, de certo modo, representa uma oportunidade histórica para a discussão sobre formas de pensar e meios de contribuir para um projeto de inteligência coletiva na comunidade científica da informação. Como vivência de uma ética pessoal e de uma experiência de cooperação competitiva que considere a possibilidade de facilitar o acesso livre à informação pelos mais diferentes grupos, na sociedade em rede.

Na sequência dos resultados deste exercício – e a partir das formas e modos que observarmos no contexto – daremos continuidade à pesquisa, através de exercício abordando as ações de informação como ações características de um projeto de inteligência coletiva, na comunidade acadêmica que constitui o regime de informação do Projeto LT*i*.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, H. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 2, 2000.

COLLINS, H.M. The meaning of data: open and closed evidencial cultures in the search for gravitational waves'. **American Journal of Sociology**, v.104, n.2, p.293-337, 1998.

DELAIA, C.R.; FREIRE, I.M. Subsídios para uma política de gestão da informação da Emrapa Solos à luz do regime de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.3, p.107-130, 2010.

FREIRE, I.M. **Projeto LTí**. Notas de trabalho. João Pessoa: UFPB, 2015.

FREIRE, I.M. Tecendo uma rede conceitual na Ciência da Informação: tecnologias intelectuais para competências em informação. **Informação&Tecnologia (ITEC)**, v.1, n.1, 2014.

FREIRE, I.M. Sobre o regime de informação no Laboratório de Tecnologias Intelectuais – LTí. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v.4, n.1, p. 70-86, jan./jun. 2013.

FREIRE, I.M. Categorização das ações de informação no Laboratório de Tecnologias Intelectuais – LTí. **Tendências da Pesq. Brasil. em Ciência da Informação**, v.5, n.1, [s.p.], 2012.

FREIRE, I.M. Ampliando o acesso livre à Informação: a digitalização do acervo do Núcleo Temático da Seca. **Informação&Sociedade: Estudos**, v.18, n.2, p.137-142, 2004.

FREIRE, I.M. **A responsabilidade social da ciência da informação e/ou O olhar da consciência possível sobre o campo científico**. 2001. Tese (Dout. Ciência da Informação). Rio de Janeiro: IBICT – UFRJ, 2001.

FREIRE, I.M. Informação; consciência possível; campo. Um exercício com construtos teóricos. **Ciência da Informação**, v.24, n.1, [s.p.] 1995.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N. As relações entre ciência, Estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões da informação. **Ciência da Informação**, v.32, n. 1, p. 60-76, 2003b.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a Pós-Graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, v.15, n.1, p.31-43, 2003a.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**, v.31, n. 1, p. 27-40, 2002.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N. Da política de informação ao papel da informação na política contemporânea. **Revista Internacional de Estudos Políticos**, v.1, n.1, p.57-93, 1999.

KONDER, L. **O futuro da filosofia da práxis**: o pensamento de Marx no século XXI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LÉVY, P. **Filosofia world**: O Mercado; O Ciberespaço: A Consciência. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. SP: Loyola, 2000.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

ROCHA, Z. Heráclito de Éfeso, filósofo do *Lógos*. **Ver. Latinoam. Psicopt. Fund.**, v.7, n.1, p.7-31, 2004.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.1, n.1, 1996.

UNGER, R.J.G.; FREIRE, I.M. Regimes de informação na sociedade da informação: uma contribuição para a gestão da informação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n.2. 2008.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v.29, n.2, 1993.

WERSIG, G., NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. **The Information Scientist**, v.9, n.4, p.127-140, 1975.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000.